

Performance audiovisual em foco: investigando a imagem ao vivo

Juliana Garzillo¹

<https://orcid.org/0000-0001-6137-3562>

I - Universidade de São Paulo.
São Paulo (SP), Brasil.



BASTOS, M.; MORAN, P.

Audiovisual ao vivo. Tendências e conceitos. São Paulo: Intermeios, 2020.

Resumo: O livro *Audiovisual ao vivo: tendências e conceitos*, dos autores Marcus Bastos e Patricia Moran, foi publicado em 2020 pela editora Intermeios. Realizando uma arqueologia da performance audiovisual, o texto passa por invenções do século XIX e se estende às experimentações ao vivo nos dias de hoje. Reflete sobre a implicação das tecnologias sobre as criações artísticas, apresentando conceitos de diferentes autores e obras de artistas do audiovisual, em abordagem interdisciplinar, enfocando o vídeo ao vivo.

Palavras-chave: audiovisual ao vivo; performance audiovisual; vídeo; tempo real.

Abstract: **Audiovisual performance in focus: investigating the live image** - The book *Live Audiovisual: trends and concepts*, by authors Marcus Bastos and Patricia Moran, was published in 2020 by Intermeios. Carrying out an archeology of audiovisual performance, the text goes through inventions from the

19th century and extends to live experiments today. It reflects on the implications of technologies on artistic creations, presenting concepts by different authors and works by audiovisual artists in an interdisciplinary approach, focusing on live video.

Keywords: live video; audiovisual performance; video; real time.

Publicado em meio à pandemia de COVID-19, em julho de 2020, *Audiovisual ao vivo: tendências e conceitos* tem como autores Patricia Moran e Marcus Bastos e traz luz especialmente à performance audiovisual em suas dimensões técnicas e poéticas. Conforme a introdução do livro comenta, a complexidade das relações entre cor e som aumenta com o desenvolvimento tecnológico: veremos como o procedimento ao vivo se desdobra em nossa percepção mediatizada. Do século XIX aos dias de hoje, Moran e Bastos costumam fenômenos e conceitos de artistas e pensadores, em um arranjo que considera a produção bibliográfica de colegas como Sergio Basbaum e se estende a referências internacionais inúmeras, como Erika Balsom e Chris Salter. Da maneira que os grandes pesquisadores fazem, constroem um texto não linear e com *insights* preciosos sobre usos da imagem-luz em movimento aplicados em tempo real.

O meio videográfico tem sido estudado e ganhado publicações no Brasil sob a tutela de diversos estudiosos e artistas. É possível encontrar textos que tratam desde o surgimento e desenvolvimento técnico do vídeo até suas potencialidades e poéticas experimentais. *Audiovisual ao vivo: tendências e conceitos* chega para complementar e atualizar a bibliografia do campo. Mas não estamos falando de vídeo ao vivo produzido pela grande mídia, o *broadcast*. Também não passamos pelas *lives* das plataformas sociais, tão amplamente realizadas durante a quarentena e a pandemia de COVID-19 em 2020 e 2021. O texto dá continuidade à pesquisa em audiovisual experimental, que inclui estudiosos prestigiados.

O conceito de *ao vivo* é chave no livro e é tecido na interdisciplinaridade. O processo de mediação que marca o campo da cultura é trazido via a filosofia de Walter Benjamin e Paul Valéry, na abordagem de temas como a presença mediada e a percepção “em interface com o mundo, em estado de relação com o mundo” (BASTOS; MORAN, 2020, p. 14), somados à aceleração da velocidade de comunicação. O estar ao vivo que é constitutivo de nosso tempo é investigado pelo viés das artes, do experimentalismo, da contracultura.

A proposta dos autores não é o aprofundamento em teorias e conceitos, mas reunir “apontamentos para propor um percurso sobre processos e experimentos relacionados à performance audiovisual contemporânea” (BASTOS; MORAN, 2020, p. 9). Nos deparamos rapidamente com referências teóricas que embasam a construção do pensamento dos autores, mas embarcar em cada problematização apontada cabe ao leitor, por conta própria. Na introdução do livro, os autores nos alertam:

O formato proposto é de caráter panorâmico. Todavia, em certos trechos, serão feitas análises mais longas de algumas obras. Isto resulta em um texto que pode parecer menos homogêneo, mas é uma escolha deliberada. (BASTOS; MORAN, 2020, p. 9)

Walter Zanini (1925-2013) foi um dos nomes que atentou para a videoarte brasileira, organizando acervos, curadorias e estudos na Bienal Internacional de Arte de São Paulo e no Museu de Arte Contemporânea da USP. Arlindo Machado (1949-2020) deixou um legado de dezenas de publicações acerca da imagem técnica e seus desdobramentos, seja na televisão, na fotografia, no cinema, ou nos museus e galerias de arte. Como professor generoso que foi, marcou gerações que dão continuidade aos estudos do audiovisual. André Parente, que organiza o livro *Imagem-máquina* (1993); Christine Mello, com o livro *Extremidades do Vídeo* (2008); Katia Maciel, com *Transcineas* (2009); e Cesar Baio, com *Máquinas de Imagem* (2015), são só alguns dos pesquisadores e publicações que contribuem para o pensamento sobre o meio no Brasil. Citamos aqui tais nomes na tentativa de localizar o leitor no amplo universo da pesquisa em imagem e vídeo: estamos no terreno do audiovisual expandido.

Nossos autores fazem parte do grupo de especialistas que transitam entre a academia e o meio artístico — tanto na paisagem *underground* quanto na institucional —, reunindo conhecimento e experiências diversificadas, seja realizando, performando, como espectadores e visitantes, ou ainda como críticos e pensadores. Fruto disso, já publicaram anteriormente outros livros. Um deles é *Cinema Apesar da Imagem* (Intermeios, 2016), organizado por ambos junto a Gabriel Menotti.

Patricia Moran, livre-docente ela USP em 2021 e doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, é cineasta, videoartista e ensaísta. Professora do Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais (ECA-USP), foi diretora do CINUSP Paulo Emílio (2014-2017), período em que coordenou

a coleção CINUSP, tendo lançado onze volumes dos quais organizou dois. Publicou em 2015 o livro *Cinemas Transversais* pela Editora Iluminuras e organizou, ainda, outros livros na área do audiovisual expandido, sua especialidade.

Marcus Bastos é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, onde é professor vinculado ao Departamento de Artes, desde 2003, e ao Programa de Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, desde 2012. Publicou os livros *Limiares das Redes* (Intermeios, 2014) e *Cultura da Reciclagem* (Noema, 2007, e-book), além de organizar *Mediações, Tecnologia, Espaço Público: panorama crítico da arte em mídias móveis* (com Lucas Bambozzi e Rodrigo Minelli, Conrad, 2010). Atualmente, é também professor da Faculdade Santa Marcelina no Mestrado em Música e Imagem.

Com expertise e interesses em comum, Moran e Bastos uniram forças para escrever a respeito de criações com vídeo por um ângulo diferente. Montando um panorama que passa por exemplos de obras nacionais e internacionais, *Audiovisual ao vivo: tendências e conceitos* é dividido em três capítulos. Além das experiências vividas pelos próprios autores em contato com trabalhos artísticos instalativos, performáticos ou imersivos, somos convidados a conhecer experimentos que já relacionavam cor, som e luz há 300 anos, como o órgão de cor, as lanternas mágicas e as partituras de luz, por exemplo.

O capítulo 1, *Os passados remotos do audiovisual ao vivo*, vai passear justamente por tal cenário, relacionando trabalhos de inventores com a busca pela criação de experiência sensorial, que mais para frente será chamada de performance audiovisual. Moran e Bastos trazem à tona nomes não muito conhecidos, como o da inventora Mary Hallock Greenwalt, primeira mulher a desenvolver um órgão de cor no início do século XX. A questão do ao vivo perpassa todo o livro, seja via apresentações de artistas e inventores presencialmente em espaços como teatros, ou via aparatos técnicos que começam a aparecer com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, como o rádio e, posteriormente, a televisão.

O capítulo 2, *Performance audiovisual: um campo, antecedentes, a arena, o teatro*, faz a ponte entre as invenções analógicas, a relação da sociedade com os novos dispositivos e a reação criativa dos artistas a tais mudanças no mundo. A modernidade entra em foco com a aceleração dos ritmos. Bastos e Moran, aqui, mergulham na análise de diversas obras, organizadas em procedimentos técnico-artísticos como corpos-ação, o multimídia, a intermídia e a customização de dispositivos. Passamos por conceituadas e conhecidas apresentações, como a *4'33*, de John Cage. Nos deparamos

também com detalhes preciosos e talvez inéditos de obras não tão populares. *Nós*, obra que nasce como performance com Gabriel Borba, em 1975, transforma-se em poema, em nova performance em 1977 e em registro em Super-8 — tomamos contato com o processo singular do artista e as ressignificações de cada tradução intersemiótica que ele realiza.

Começando pela cena dos VJs de performances em eventos musicais, o capítulo 3 contextualiza o desenvolvimento das poéticas com os meios digitais e de projeção, apresentando os nomes que contribuíram com o campo no Brasil. *Audiovisual ao vivo: a cidade, a arena, o palco e a galeria* apresenta uma arqueologia da performance audiovisual, e, para isso, traz entrevistas de artistas concedidas exclusivamente aos autores. Entramos em contato com nomes que não se restringem ao eixo Rio-São Paulo, passando das festas *underground* aos festivais *mainstream* de grandes marcas e patrocinadores e chegando, finalmente, às galerias e até mesmo às experimentações audiovisuais ao vivo *online*, realizadas durante a pandemia de COVID-19.

Registrando e divulgando fenômenos que se perderiam na história por sua característica intrinsecamente efêmera de evento, de experimento ao vivo, Bastos e Moran garantem o acesso, materializando os acontecimentos em texto, a experiências que, a princípio, estariam unicamente nas memórias daqueles que as criaram e vivenciaram. A leitura é fluida e direta: referências teóricas e historiográficas são indicadas para que os interessados se aprofundem por conta própria. E, sobre todos os nomes e relatos de artistas, festas, festivais, eventos, deixaremos que os leitores se aventurem pelas páginas do livro para descobrirem a infinidade de possibilidades do audiovisual ao vivo.

Juliana Garzillo é doutoranda na ECA-USP em Meio e Processos Audiovisuais. É mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Participa do coletivo audiovisual *Quarta Pessoa do Singular*.

julianagarzillo@gmail.com

Referências

BASTOS, M.; MORAN, P. *Audiovisual ao vivo: tendências e conceitos*. São Paulo: Intermeios, 2020.

Resenha recebida em 05/11/2021 e aprovada em 20/02/2022.